

OS CURSOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES INDÍGENAS: depoimentos

O curso foi muito importante para nós¹ professores porque aprendemos muita coisa que a gente não sabia, como lidar e fazer atividades com as crianças para que elas conheçam e respeitem todas as coisas da nossa cultura e a pensar por elas mesmas.

Antes desse curso, a gente pensava que só podia trabalhar com a cartilha. Agora, a gente sabe que pode criar o material didático, nós professores e as crianças, para a escola e que vai servir também para a comunidade. Assim, a gente está fazendo a nossa língua e a nossa cultura ficarem mais fortes.

O curso teve sete etapas. A primeira foi em Porto Nacional. Nesse curso, aprendemos que trabalhar com o desenho livre das coisas da comunidade é muito importante, pois reforça nossa cultura e faz a mão da criança ficar boa para escrever. Também vimos como é importante saber ouvir a criança (...).

A segunda etapa foi em Gurupi. Ali tivemos muita aula, mas também fizemos uma exposição com material trazido de nossas comunidades. Foi muito bom porque conhecemos as coisas de nossos parentes e muita gente da cidade veio visitar a exposição.

¹ Tanto neste depoimento quanto no próximo, os professores estarão referindo-se ao Curso de Formação de Professores Indígenas do Programa de Educação Indígena do Estado do Tocantins.

Muitas crianças das escolas da cidade vieram ver o nosso artesanato (...).

As terceira, quarta e quinta etapas do curso foram feitas em Formoso do Araguaia (...) Fizemos ilustração de histórias da nossa comunidade, aprendemos e fizemos jornal e pusemos na parede para cada um saber do outro grupo e como podemos fazer jornal entre nós, índios. (...) Montamos mapas de nossa aldeia e aprendemos muita coisa sobre a sua localização. Foi importante fazer mapas porque estamos fazendo-os agora com as crianças. A noite, cada grupo dançava e cantava suas músicas para um conhecer melhor outro parente.

Na quarta etapa, tivemos Ciências, trabalhamos com folhetos de saúde e tivemos muita discussão de como evitar um monte de doenças, como a cólera. Aprendemos para que servem esses folhetos e como trabalhar com tudo quanto é tipo de material escrito, ajuda a gente a ler e escrever melhor. Recebemos cadernos para anotar nossas atividades na escola e para fazer nossos diários. (...) A gente sempre fazia tudo nas duas línguas para ir melhorando cada vez mais nossa escrita. Nesse diário a gente podia escrever o que queria, o que a gente sentia, se estava triste, alegre, tudo.

A quinta etapa foi muito boa. Tivemos aula de Ciências e Matemática. Fomos para o mato pegar bichos e plantas e falamos sobre cada um. Trabalhamos com eletricidade, olhamos a Lua com telescópio , construímos aparelhos para depois usar na aldeia e falamos muito sobre coisas do céu, como o eclipse.

A sexta etapa foi em Goiânia (...) Visitamos o zoológico, a biblioteca, o museu e a editora da universidade. Depois de cada

visita, escrevemos textos dizendo o que vimos e sentimos. Depois cada texto foi passado no mimeógrafo para a gente levar para a aldeia para todos saberem o que fizemos. (...)

A sétima etapa foi a última. Discutimos muitos problemas da escola e como fazer planejamento das aulas de modo que tudo o que a gente aprende passe para as crianças. Muito bom mesmo foi receber o diploma de professor, com festa e tudo. (...)

Prof. Dodanim Pükem Krahô

Área Indígena Krahô, Aldeia Manoel Alves, Tocantins

Este curso foi muito bom para mim porque conheci meus parentes Krahô e Xerente que eu ainda não conhecia e aprendi muitas outras coisas para fazer com as crianças em sala de aula. Minha sabedoria aumentou muito e comecei a trabalhar melhor com as crianças fazendo nossos próprios materiais escritos e outras atividades que aprendi no curso de formação.

Eu senti uma mudança muito grande nas crianças. Elas ficavam mais felizes de ir para a escola, porque gostam muito de trabalhar com as estórias da nossa cultura, de desenhar, cantar as nossas músicas e sair pela aldeia catando bichinho e plantas que depois estudamos na sala de aula. Antes, elas ficavam meio tristes de ficar copiando e dividindo as palavras em sílabas.

Hoje, elas pensam muito mais e aprendem nossa língua escrita e depois português escrito com mais gosto, porque quando apren-

dem português escrito já sabem escrever na nossa língua e a falar um pouco de português. Aí fica mais fácil aprender a escrever português e as crianças não ficam mais com vergonha de falar essa língua. A gente explica tudo na nossa língua e elas entendem muito mais.

Com isso, o número de alunos aumentou porque a gente explica tudo para as mães, e elas ficam entendendo o que as crianças estão fazendo. Elas hoje têm mais confiança no trabalho do professor indígena.(...)

As crianças Karajá aprendem a desenhar e fazer artesanato desde pequenas e isso ajuda muito na escola, porque continuamos a desenhar e a discutir as coisas da nossa cultura. Também discutimos sobre o "branco", o que ajuda a gente a entender melhor a cultura do "branco".

Muito importante mesmo é o que vem acontecendo com a comunidade depois que começamos a trabalhar assim. Hoje, nós sentimos que a escola é nossa. Estamos começando a resolver nossos próprios problemas, a tomar conta do que é nosso, a preservar mais nossa língua e nossa cultura.

Hoje, nós estamos juntando forças na comunidade para a gente ficar mais forte. A escola ajuda muito nisso.

Hoje, nós não queremos ser brancos, queremos ser índios Karajá.

Prof. Idjuraro Karajá

Parque do Araguaia, aldeia Santa Isabel do Morro, Tocantins

No primeiro momento em que estivemos na aula de Geografia, a professora colocou uma questão entre nós. O que entendemos por Geografia, o que a gente ensina para as crianças índias sobre a Geografia, conforme o currículo dos brancos, de acordo com a orientação da Secretaria Municipal ou do Estado. Nós passamos então a ensinar para as nossas crianças índias no livro adotado pela Secretaria, no qual não sabemos que a Geografia é infinita, quer dizer, a gente pensava que a Geografia era só aquilo que estava contido no livro. Mas, na realidade, o estudo da Geografia é infinito. Segundo a professora Nídia², que tem nos explicado tudo direitinho, a Geografia não é somente o que está contido no livro, inclusive lá na minha região a Geografia está presente, por isso ela é de suma importância.

Prof. Aronaldo Júlio Terena
Aldeia Cachoeirinha, Mato Grosso do Sul

Depois do café, subi para o alojamento e fiquei olhando para a cidade e pensando muito com tanto movimento. Por que nós que moramos no mato não temos esse movimento? Nós poderíamos crescer também como cupê³, que cresceram bastante. Eu fico sem entender por que nós não crescemos assim! Mas sempre os mais

² Refere-se à professora Nídia Nacib Pontusckha (Faculdade de Educação — USP), professora de Geografia no Seminário e Encontro sobre Educação Indígena promovido pelo Centro de Trabalho Indigenista — CTI/SP, em março de 1994.

³ Trata-se do não-índio, do "branco". Diário do Prof. Sabino Krahô, durante o Seminário e Encontro sobre Educação Indígena promovido pelo CTI/SP, em março de 1994.

velhos contavam para nós que nós não temos como ter muito movimento. E porque cupê quando chegou no Brasil e encontrou os índios foi tratando de acabar com os índios. E os índios foram ficando poucos. E agora os índios estão querendo crescer, mas não tem espaço, porque cupê tomou conta dos espaços maiores.

Prof. Sabino Cojam Krahó, Ai Krahó
Aldeia Nova do Galheiro, Tocantins

OS CAMINHOS DA ALFABETIZAÇÃO: opiniões

No XIII Curso⁴, fizemos o curso de Alfabetização que foi muito bom para mim.

Dentro de mim foi como se eu tivesse fazendo uma viagem com muita gente. Durante essa viagem, devo estar sabendo de muitas coisas, exemplo: durante a viagem devo saber quantas horas devo andar, onde tem água para beber, onde tem muito espinho. Este conhecimento devo ter como dirigente da viagem.

Os meus alunos são meus amigos de viagem, e eu devo saber das coisas para poder orientar os meus acompanhantes. Quais as dificuldades que podemos ter e qual o ponto a que queremos chegar. A nossa escola deve ser como uma estrada larga, onde todo mundo possa andar, correr, onde o responsável deve saber

⁴ Refere-se ao Curso de Formação de Professores Indígenas promovido pela Comissão Pró-Índio do Acre desde 1982.

o que aconteceu e depois vai passando para cada um assumir o conhecimento que já está dominando.

Prof. Namo Kateyuve Yawanawá
Área Indígena do Rio Gregório, Aldeia 7 Estrelas, Acre, 1994

O professor não precisa corrigir todos os erros que a criança escreve. Ele pode dar um texto que tenha aquelas palavras que ela escreve errado. O professor deve ter muita paciência com as crianças com o poder de dar uma segurança para elas. Para a escrita funcionar bem é bom que sejam lidos livros com pequenos textos, como também jornais, revistas, bilhetes, mensagens. Além de ensiná-las a escrever sobre todos os assuntos de interesse das crianças. Quanto mais achar um jeito de ensinar o que as crianças gostem, será para aprenderem. Também é bom que recortem uma fotografia de revista e falar e escrever o que pensam sobre aquela fotografia.

Prof. Antonio Arara
Aldeia Riozinho Cruzeiro do Vale, set./92

AS ESCOLAS INDÍGENAS: descrições

O aluno quando está começando a estudar pode escrever de qualquer jeito. O professor, neste caso, deixa a criança escrever e depois vão reescrever juntos. O professor explica. Eles podem conversar muito, concordando com algumas coisas e discordando

de outras. Perguntando também sobre a idéia completa da escrita, para comparar os erros da escrita dos textos e saber de qual jeito que o aluno pode melhorar a sua ortografia.

Prof. Manoel Sabóia Kaxinawá
Área Indígena Humaitá, Aldeia Humaitá, Acre, 1994

A educação é muito importante para nós porque mostra vários caminhos para o nosso povo, esses caminhos nós podemos escolher alguns deles que podem nos ajudar com conhecimentos. Para vivermos com ele, porque existem vários materiais de atividades que podem nos ajudar a conhecer bem Ciência, Matemática, História, Geografia, Português e até a nossa própria língua huni kui, pois com ela podemos reformar ou construir algumas coisas na nossa vida.

Também conhecer várias leis e políticas do nosso país. Pois existem burocracias na lei do governo que o índio ainda não estudou e nem sabe o que está acontecendo no mundo. Então é por isso que eu estou aqui na cidade para aprender a trabalhar e a conhecer tudo isso e depois ensinar para o meu povo. Porque se índio aprender a conhecer tudo isso, vai ter força para defender a sua terra, lutando junto com seu povo e amigos.

José Domingos Kaxinawá
Aldeia Fronteira, junho de 1992

Escrevo estas linhas sobre meu trabalho na escola. Como eu dei aula para os alunos e como é o ensino bilíngüe. Primeiramente,

o ensino é na língua indígena e quando os alunos já estão sabendo ler e escrever na língua, aí eu passo para o ensino da segunda língua que é o português. Também faço brincadeiras de teatro e mariri vai indo. Outra coisa do meu trabalho na escola é que devem aprender muitas atividades de estudo e fazer limpeza na escola: varrer, encher o filtro e botar duas gotas de cloro para cada litro d'água para não pegar doença. Tenho que fazer prateleira e armário para guardar os livros, cadernos, lápis, copos, pratos, etc. O agente de saúde deve ajudar o professor, orientar os alunos sobre a limpeza e doenças. Cada sexta-feira o agente de saúde vai conversar com os alunos. Eu ensino tanto crianças como adultos, é meu interesse e tenho o direito de ensinar o meu povo o que eu aprendo nos cursos da CPI, assim eu posso ajudar a minha comunidade.

Raimundo Nonato Kaxinawá

Área Indígena Alto Rio Purus, aldeia Cana Recreio, Acre

DIÁRIOS DE CLASSE: trechos

Aluno: 31

Matéria: Geografia

Dia: 21/09/93

Na minha sala de aula conversei com os meus alunos, expliquei como acontecia com nosso povo antigamente. Depois escrevi:

Marcado no corpo com os iniciais do nome do Felizardo Cerqueira ou FC em seus braços quer dizer que aqueles índios pertenciam

a ele; vivemos assim muitos anos como verdadeiros escravos. Até 1975, quando Txai Terri Vale de Aquino começou a fazer um levantamento da situação da terra, saúde, educação e localização dos Kaxinawá que viviam espalhados pelos muitos rios e afluentes do Purus e Juruá. Através deste grande amigo ficamos sabendo que tinha lei neste país que dava direito às nossas terras e a melhor assistência para as nossas comunidades. Com este estudo a FUNAI começou a identificar e delimitar as nossas áreas indígenas, muitas ficaram apenas no mapa do papel.

As nossas terras continuaram na mão dos antigos patrões que ainda estavam comprando os seringais com os índios e seringueiros dentro. Quer dizer, compravam as nossas terras, com nós todinhos dentro. Foi assim que cansamos de esperar as promessas da FUNAI, demarcamos as nossas terras, tirando todos os patrões e invasores. Resolvemos lutar por conta própria para garantir as nossas áreas. Para lutar contra os seringalistas que controlavam as mercadorias, para sobreviver nos seringais. Tivemos que criar nossas cooperativas de produção e consumo. Começamos a deixar de pagar renda das estradas de seringa e não entregar mais nenhum quilo de nossas produções.

Profa. Fátima Buke Kaxinawá

Área Indígena Alto Rio Purus, Aldeia Fronteira, Acre

Número de alunos: 13 alunos

Dia da aula: 25/11/93

Matéria: Português

Assunto: Explicação sobre o jornal, o que é jornal?

Jornal é uma maneira de estudo para ver a notícia que está acontecendo no outro lugar, que é uma coisa muito séria. Aí usei o texto do jornal da página 1, comecei a aula da seguinte maneira: li o texto do jornal que tinha o título Yumaki. Em seguida, lemos todos juntos o texto, repetindo várias vezes. Depois pedi a cada aluno que lesse o texto para fazer uma avaliação e ver quem entendia melhor.

Aí quando os alunos acabaram de ler, eu usei com eles a cartilha de português, pág. 56. Comecei a aula da seguinte maneira: li o texto, em seguida lemos todos juntos o texto, repetindo várias vezes. Depois pedi a cada aluno que lesse de novo o texto para fazer uma avaliação e ver quem entendia melhor. Quando os alunos acabaram de ler, pedi que eles respondessem as questões que estavam no final do texto. Fiz assim: só 4 questões. Primeira questão tem que completar melhor com as palavras novas. Bens, tradicionalmente, união, crença. Aí, com essas palavras os alunos têm que completar essas frases:

Os povos indígenas habitam seus territórios, falam na língua, fazem suas festas, cada povo tem sua própria língua, costume, _____ e tradição. As terras indígenas e as reservas extrativistas dos seringueiros são de propriedades da _____. O artesanato indígena é um dos seus mais valiosos _____.

Prof. Raimundo Nonato Mana Kaxinawá
Área Indígena Alto Rio Purus, Aldeia Cana Recreio, Acre

QUEM TEM VERGONHA DE SER ÍNDIO? Depoimento

No tempo em que nós moramos na terra da PARANACRE juntos com os brancos, nós não falávamos na nossa língua, mas nós sabíamos falar. Só que nós não falávamos, e diziam que a gente não sabia falar a língua.

A gente dizia para o branco que a gente só falava o português, assim o branco acreditava.

Quando o pai falava a língua conosco, a gente só respondia na língua portuguesa, porque nós não gostávamos de falar na língua indígena.

Algumas vezes, nós falávamos com nosso pai e a nossa mãe, mas os dois irmãos mais novos não aprenderam. Esses dois só falam na língua portuguesa.

Então quando papai começou a lutar pela nossa terra, ele pediu para falarmos na nossa língua indígena. Assim, praticamos mais um pouco com os nossos dois irmãos que não falavam na língua. Depois que nós começamos a estudar na Escola Nossa Senhora de Fátima há três anos atrás, aprendemos um pouco de português. Mas nós não aprendemos nada da nossa língua Kaxi. Então foi por isso que nós procuramos outra escola para poder aprender também a escrever e a ler na nossa língua. Assim, fomos estudar com o professor Joaquim Mana que sabe muito bem a nossa língua Kaxinawá, em uma outra escola que fica dentro da Área Carapanã.

Maria Benicia Kaxinawá
Aluna da escola S. Francisco, Acre

OBSERVAÇÕES SOBRE UMA SOCIEDADE ÁGRAFA EM PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LÍNGUA ESCRITA

Renato Antonio Gavazzi*

Introdução

A minha intenção, como assessor do projeto de educação da Comissão Pró-índio do Acre (CPI/Acre), é relatar algumas das formas de como venho observando o processo da aquisição da língua escrita em uma sociedade até muito decentemente ágrafa¹, de tradição exclusivamente oral, no caso, os Kaxinawá, do rio Jordão.

Os indígenas do Acre e sudoeste do Amazonas, contatados desde os fins do século passado, foram incorporados à sociedade regional, primeiro, como trabalhadores nas frentes extrativistas (de caucho, seringa, madeira, castanha, peles de animais, etc), depois, foram transformados em seringueiros, barranqueiros diaristas, mateiros, varejadores e caçadores nas fazendas agropecuárias em fase de implantação e, mais recentemente, em peões.

* Integra a equipe do Projeto de Educação da CPI/AC, é responsável pelo Programa de Geografia.

¹ Quando me refiro à expressão "sociedade ágrafa", penso num modelo de sociedade onde está ausente um tipo de grafismo, o da escrita linear e fonética, que caracteriza a sociedade ocidental, sem com isso querer negar outros sistemas gráficos de escrita. Os Kaxinawá, por exemplo, possuem um sistema gráfico que recebe o nome de "Kene": são desenhos geométricos utilizados nas pinturas corporais, faciais, nos tecidos e nas cerâmicas. Hoje, a palavra "Kene" está referida na sociedade Kaxinawá atual, também às letras do alfabeto e ao próprio ato de escrever.

Em suma, a situação em que atualmente vivem estes grupos indígenas do Juruá/Purus só pode ser entendida dentro dos projetos e realizações da sociedade regional, que, primeiro, se apropriou de seus antigos territórios, e depois de sua própria força de trabalho (...) A partir de 1976, a criação da Ajudância da FUNAI (Fundação Nacional do Índio) em Rio Branco e as entidades de apoio e assessoria às comunidades indígenas— Comissão Pró-Índio/AC, Coordenadoria de Indigenismo, União das Nações Indígenas (UNI) e CIMI/AC (Conselho Indigenista Missionário do Acre) contribuíra/n para a tomada de consciência dos direitos indígenas. Direitos em relação à posse e usufruto das terras que imemorialmente habitam, a melhores condições de vida, à educação e à saúde. Desde então, várias comunidades indígenas da região começaram a se organizar em cooperativas de produção de borracha, castanha, agricultura e consumo dos bens industrializados, hoje imprescindível, visando à ocupação produtiva de suas terras (...) Foram justamente essas comunidades que, em 1982, lutando pelo seus direitos, denunciaram na imprensa as péssimas condições de vida nas áreas.(...) Propõem em seu documento que, para melhorar as condições de vida nas áreas, os índios deviam ser preparados para serem, eles próprios, os monitores de ensino e saúde. E que um treinamento para sua formação deveria ser realizado em Rio Branco, durante três meses consecutivos, porque só assim teriam tempo disponível para os estudos, o que seria difícil dentro de suas áreas, devido às tarefas diárias que têm de desempenhar.

Os Kaxinawá, autodenominados "Huni Kui" (homens verdadeiros), pertencem à família lingüística pano, vivem no Estado do Acre, distribuídos ao longo dos rios Tarauacá, Muru, Jordão, Hu-

maitá, Envira, Breu e Iboiaçu, e fora do Acre, no território peruano, às margens do rio Curanja, (para onde fugiram, após os primeiros contatos com a frente de expansão seringueira no Brasil, em fins do século XIX). Constituem hoje uma população de aproximadamente 4.000 indivíduos. No Estado do Acre, os Kaxinawá vivem localizados em nove diferentes áreas indígenas, na bacia dos rios Juruá/Purus.

A área indígena do rio Jordão está localizada no município do Jordão, fazendo fronteiras com a reserva extrativista do alto Juruá, área indígena do alto Tarauacá, área indígena do Breu e com o Peru. Sua população é de aproximadamente 1.100 pessoas e conta com seis monitores de saúde e seis professores indígenas. Além disso, foi a primeira área indígena no Estado do Acre que deu início à implantação das cooperativas de consumo, contando hoje com seis cantineiros e um gerente comunitário para administrá-las. As seis escolas, implantadas pela comunidade no ano de 1983, foram resultado do projeto de educação da CPI/AC, "Uma Experiência de Autoria".

A forma de implantação dessas escolas, através da metodologia de formação dos professores índios, desenvolvida pela equipe de educação da CPI/AC, e a especial motivação e criatividade de alguns destes professores indígenas são, ao meu ver, os responsáveis pela apropriação original da língua escrita que buscarei relatar neste trabalho.

Os diários indígenas do rio Jordão

Eu acho muito importante nós todos os monitores índios daqui da região do Acre, cada um de nós, fazer o relatório

sobre a nossa luta da organização das escolas da floresta, e juntar todos os relatórios e discutir juntos com todas as entidades que estão trabalhando na cidade, e planejar direito junto com elas... (professor Noberto Tene Sales Kaxinawá, 1991)

A função social da língua escrita vem sendo construída pelos próprios sujeitos índios, que passam a utilizar-se da escrita em línguas indígena e portuguesa com finalidades sociais diversas no âmbito escolar e fora dele... Cartas, diários, anotações contábeis, relatórios de trabalhos, projetos, músicas e rezas são portadores de textos hoje escritos e lidos pelos professores, alunos, ex-alunos no contexto da aldeia. (Monte, 1991)

Hoje em dia no Jordão, é comum encontrarmos os cantineiros, os monitores de saúde, os professores e alunos com "os diários", pequenos cadernos utilizados para os registros dos acontecimentos do dia-a-dia, constituindo-se na memória escrita do cotidiano da aldeia.

Através desses diários, temos os registros cronológicos das caças que foram mortas pelo caçador, verdadeiros levantamentos estatísticos dos abates da fauna na região, além de registros de viagens, como visitas a parentes em outras áreas indígenas, viagens pela área ou fora dela. Também os "diários de classe" são prática cada vez mais freqüente de registro escrito das aulas dadas pelos professores.

...Lição de hoje, quinta feira, 19/12/91... A aula de hoje da parte da manhã das 7 horas até 11 horas e 30 minutos para vocês fazerem uma pequena formação de texto da

sua cabeça, o que vocês estão vendo e o que estão pensando do estudo de vocês...

Quinta-feira, 26/12/91... O aluno Renato Melo ele está escrevendo um pequeno texto sobre a situação do estudo dele... O aluno Leonel Melo ele está estudando a cartilha da Piaba na página nº36... O aluno Rivelino Mateus está estudando a cartilha Piaba na pág 51... O aluno Raimundo Domingos está estudando matemática, sobre a estrada de seringa do Bane. Hoje eu estou dando uma lição de F para o velho Francisco Joaquim de idade de 70 anos. Ele está treinando de assinar o nome ...Também estou dando aula a um aluno que já está estudando na cidade de Tarauacá, porque ele está participando da minha aula que eu estou dando. Ele está estudando Matemática, soma, multiplicar, divisão e fração (Transcrição de uma parte do diário de classe do professor José Mateus Itsairu Kaxinawá, 1991, da Escola Boa Idéia, seringal Novo Segredo "Relatório de lição por aluno").

Um dos diários que mais me surpreendeu, em minha última viagem ao Jordão, entre agosto/novembro de 1992, é o de um aluno do professor Isaias Ibã, do seringal Alto do Bode. Nele, o aluno narrou seu sofrimento com um pé machucado, sua busca de um curador em outra aldeia e o processo de cura com as plantas medicinais, além de ter relatado todas as suas caçadas naquele período.

Os diários são também utilizados nos registros das muitas reuniões nas aldeias, referentes às questões políticas e sociais do grupo:

Primeiro assunto que discutimos, na parte da manhã, foi a questão dos seringueiros não índios, que eles habitam dentro do rio Jordão, na nova sede do seringal

Nova Empresa e de Boa Vista. Eles disseram que estão querendo sociar com os índios seringueiros. O nosso cacique falou pra eles: — Se vocês querem sociar com nós, primeiramente vocês acertam as suas contas no seu patrão, e depois de ver a conta de vocês, vamos fazer a matemática. E os seringueiros aceitaram. Na parte do meio dia, os antropólogos, uma antropóloga e nosso presidente se apresentou pros seringueiros não índios. No mesmo dia nós compramos e mandamos buscar o boi na foz do rio Jordão, com o nosso dinheiro da cooperativa e com dinheiro da CPI. Valor de ... cruzeiros (Professor Noberto Tene Sales Kaxinawá. Transcrição de uma parte do diário da reunião no Astro Luminoso, janeiro de 1991).

É bastante comum os diários de viagens relatarem o número de pessoas que viajaram, como viajaram, lugar onde dormiram durante a viagem, o que caçaram na viagem, o que comeram e como comeram. O interessante desses documentos é que eles não se concretizam só em forma de registro pela língua escrita. Os eventos vividos pelos autores são também registrados nas imagens, em forma de desenhos, um apoio mais direto e gráfico à narração:

No dia seguinte, domingo 28/10/90... bem de manhãzinha, o cantineiro Renato Melo matou o jabuti com machado e o professor Noberto partiu lenha para o fogo... As duas mulheres cozinham o jabuti e quebramos o jejum... Na casa não tinha vaso onde colocar a comida, e as duas mulheres tiraram a folha de pacupacu e colocaram a comida, e nós comemos. O txai Renato Antonio comeu a cabeça do jabuti. Antes de nós irmos na colocação, vimos um bando de macaco tucuxi mesmo no aceiro do roçado

e foi aí que seguimos nossa viagem às 9 horas e 30 minutos (Noberto Tene Sales Kaxinawá. Transcrição de uma parte do relatório de viagem do Rio Jordão à área indígena do Rio Breu).

Outro dado interessante é a relação que os índios aposentados pelo Funrural têm com a escrita. Esses índios geralmente não são alfabetizados e, quando descem para a cidade de Tarauacá com a finalidade de receber suas aposentadorias para fazer as compras, é muito comum os seus filhos alfabetizados serem convidados para acompanhá-los nessas viagens, para anotarem em um caderno, exigência de seu pai, toda a mercadoria comprada, com seus preços e a soma total dos gastos. Essas anotações de mercadoria, valor, soma de despesas são manifestações tradicionais dos livros de conta corrente dos barracões do patrão seringalista e das cooperativas indígenas, inseridas hoje na sociedade Kaxinawá.

È muito comum um índio velho entregar esses cadernos aos assessores não-índios que visitam a aldeia, com as listas de compra e a soma final dos gastos, para que possa certificar-se da veracidade das operações.

Esse interesse que os Kaxinawá têm pela escrita é registrado em estudos etnográficos clássicos sobre essa região. Castelo Branco, referindo-se aos Kaxinawá do Jordão, conta [Adianta Sombra que eles pedem para escrever num papel os nomes e apelidos deles e quando satisfeitos, ficavam muito alegres, guardando cuidadosamente esses papéis por os considerarem muito preciosos, talvez por notarem a precaução com que os seringueiros conservam as contas recebidas dos patrões]. (Monte, 1994)

Os Kaxinawá demonstram grande admiração diante do domínio da língua escrita pelos técnicos/assessores que visitam a área com seus diários de viagens, onde tudo parece ser anotado, nada escapando da caneta do observador. Contam, admirados dos últimos viajantes que passaram pelo Jordão, e das muitas anotações que esses fizeram em seus cadernos, da rapidez do manejo da caneta, da curiosidade com relação ao que é escrito.

Em minhas viagens de assessoria às escolas do Jordão, é bastante comum algum índio querer ler ou saber o que escrevo em meu diário de campo. As perguntas são constantes: como se faz um bom diário, o que é importante anotar no diário? Expressam assim seu interesse em aprimorar cada vez mais a escrita desses documentos.

Esse encantamento que os Kaxinawá mostram pela escrita, com a possibilidade de registrar o tempo e o espaço, a vida documentada em um papel, a perpetuação do ocorrido está explícito no grande número de pessoas que vêm utilizando os diários. São novas maneiras lúdicas de registo, além do *status* social que representam para cada indivíduo. Possuir um diário registrando todo o imaginário e a realidade do dia-a-dia, além das rezas, hinários religiosos do Santo Daime, ou as cantigas tradicionais Kaxinawá, é ter prestígio e "ser sabido".

Misticismo e língua escrita

Zé Mateus fala bem baixinho, sempre como se estivesse de resguardo, isso até acabou ocorrendo, pois tornou-se pai do primeiro filho no dia seguinte de minha chegada.

Um fato interessante cerca esse comentário. Por ocasião do parto que pude presenciar, Zé Mateus encostou nos quadris da esposa, durante os momentos mais difíceis das contrações, o seu caderno de anotações, o mesmo que trazia consigo na escola. Estranhei aquilo que poderia estar sendo utilizado com fins ritualísticas ou terapêuticos... Soube em seguida, através dele próprio, que lá estava registrada a oração de Santa Margarida, muito útil para o momento do parto, para evitar problemas à parturiente e à criança. Aprendeu isso com o pai, que já aprendera com o avô. Segundo José Mateus, ele tinha sorte de saber escrever e ler, pois 'na cabeça não guarda essas coisas e tem gente que não sabe ler e então a mulher pode até morrer. Ele conhecia alguns casos em que a criança morreu. Perguntei como os antigos Kaxi faziam, pois não sabiam ler. 'Eles tinha tudo na cabeça mesmo. E quem ensinou essa oração para os Kaxi? 'Eu não sei, é o meu pai que sabe, foi ele que ensinou'. Você vai ter que sabê-la de cabeça, algum dia? 'Não sei... acho que aprende, né? Quando vai nascendo e depois outro e depois outro, aí vai aprendendo'. Bem depois José Mateus disse que ele próprio já havia sido vítima do não uso da oração de Santa Margarida por ocasião do primeiro parto de sua mulher. Tivera preguiça de copiar o texto. Agora, certificara-se de tê-lo conseguido e acabou dando tudo certo, como rezava a tradição. A recém-nascida foi batizada por ele pelo nome de Princesa. Ele me perguntou: 'Tá bom assim? Princesa?' (Kahn, 1991)

Este relato mostra uma das várias manifestações de como a língua escrita vem sendo utilizada pelos Kaxinawá, tanto para o

lado do bem, da cura, da vida, como para o lado do mal, da doença, da morte. Nesse caso, a língua escrita tem sua função de comunicação com o sobrenatural, o que é superior à natureza do homem, o extraordinário, pois uma oração escrita em um papel possui o poder da cura.

Também escutei alguns relatos do uso da língua escrita para práticas de feitiço. Nesse caso, a pessoa que deseja realizar o feitiço, procura uma árvore retirada da aldeia, que tem o nome regional de buchuda. Desenha uma figura humana e escreve o nome da pessoa que será enfeitiçada no tronco da árvore. Terminado esse grafismo, a pessoa grita, falando que o indivíduo enfeitiçado irá morrer e será enterrado sete palmos no fundo da terra. Utilizando uma arma de fogo, atira no olho e umbigo da figura desenhada, logo depois tampa com barro os dois furos deixados, para que a pessoa enfeitiçada, quando ficar doente, não descubra, através do sonho, o autor do feitiço. Finaliza a prática do feitiço acendendo uma vela no pé da árvore.

Outras orações bastante procuradas são as orações de São Cipriano, pelos seus poderes fortes de malignidades. São conhecidas como as orações para botar feitiço.

Os dois textos a seguir são uma amostra dos vários que foram fixados, em forma de pequenos cartazes, na entrada de todas as casas e no único posto de saúde do seringal Novo Segredo, pelo monitor de saúde Sinhozinho Nexiwaka. Através desses textos, temos uma visão de como este monitor de saúde utiliza a língua escrita, fazendo uma associação da saúde com os valores religiosos cristãos. Essa é, ao meu ver, a atual maneira sincrética de assimilação da saúde com a religiosidade, misturando os valores reli-

giosos tradicionais, xamanísticos, com os valores religiosos modernos do cristianismo. Acredito que essa assimilação se deu como resultado da grande influência que os índios vêm sofrendo dos valores cristãos regionais, com as idas anuais do padre da cidade de Tarauacá nas aldeias, para o batismo das crianças, além dos contatos que Sinhozinho tem com a seita do Santo Daime em suas idas à cidade de Rio Branco .

Nesta casa não pode entrar sem pedir.

É casa do doente.

Considero posto de saúde, para tratar as pessoas doente muito forte. Quem vem doente, atrás de tratamento, entre logo nesta casa por favor. Traga panela e espingarda, Até melhorar filho e irmão, considero nesta com toda preparação, amém.

Companheiros, companheiras, olha caminho bom. Não existe mentira, raiva, roubo e nem falar nome de companheiros e companheiras. Olha o pote na porta, para lavar os pés as mãos. Não jogar cuspe e nem jogar muco dentro dacasa. Não falar grosso demais dentro da casa. Não falar mal, errado, respeito muka região do Maspã e Nexiwaka Yube. Sempre região de conselho nacional da igreja do Novo Segredo. Realmente, completamente, não existe olhar mulher do irmão e também irmã. Pense bem, terra e céu, o sol da vida sonhada na santa igreja ardente da grande Virgem Maria, Pense logo quando subir neste Espírito Santo. Amém.

Outro fato relevante é o importante valor místico que as orações escritas religiosas têm para os Kaxinawá, maneira de conseguir

os favores dos santos. Isso é bastante visível nos cadernos, onde se encontram vários registros de orações, obtidas através das trocas feitas entre eles. A introdução das orações no Jordão se dá assim, geralmente, por meio de um algum índio, que as obteve através de um livro de orações. Tais livros prometem todas as curas e favores dos santos, sendo comprados, na maior parte dos casos, de algum mascateiro, em época de festa grande na cidade de Tarauacá.

A utilização da língua escrita Kaxinawá

Depois que os Kaxinawá passaram a ter o domínio da língua indígena nas novas práticas de escrita, como as narrativas, de mitos, as cartas, as traduções de histórias, etc., hoje a língua escrita indígena está também voltada aos registros das cantigas tradicionais do povo Huni Kui. Geralmente, são os professores que iniciam essas práticas de registro das cantigas indígenas, logo socializando esses conhecimentos entre seus alunos ou parentes. Essas cantigas indígenas, registradas em forma escrita, são uma estratégia cultural de preservação da memória coletiva do grupo, pois o número de cantadores tradicionais historicamente vem diminuindo. E uma grande parte da nova geração não consegue valorizar e aprender esse tipo de conhecimento.

Nós escrevemos as cantigas, porque os velhos vão um dia morrer. Já estão velhos, e se morrer e se a gente não aprender mais, acaba. Então nós estamos escrevendo as cantigas de antigamente. É como o livro dos hinários do Santo Daime, onde foi escrito todas as cantigas do mestre Irineu. É assim que nós estamos fazendo. (Ibã, 1992)

Os registros das cantingas Kaxinawá na língua escrita indígena passam a ter a função de transmitir, ensinar esse tipo de conhecimento e armazenar essas informações para que não se percam.

Um indivíduo alfabetizado, com auxílio de um gravador, ou apenas ao ouvir uma pessoa cantar, pode cantar um cantiga qualquer, desde que tenha a letra da música registrada em um papel. Nesse caso, a língua escrita passa a ter a utilidade de um recurso mnemônico para preservação e manutenção do conhecimento tradicional da cultura Kaxinawá.

Um dos vários casos demonstrativos de como vem ocorrendo a prática do registro das cantigas tradicionais se encontra no caderno do professor Isaias Ibã, que registrou muitas cantigas de seu pai, o velho Romão, antiga liderança, considerado no Jordão como um dos melhores cantadores. Perguntei a Isaias: por que, hoje em dia, os Kaxinawá jovens vêm utilizando a escrita para aprender as cantigas antigas, se seu pai havia aprendido a cantar apenas ouvindo uma outra pessoa, sem ajuda do registro escrito. Respondeu-me Isaias:

O tempo mudou, antigamente os mais velhos aprendiam com mais facilidade. Nossa cabeça não é tão boa como dos antigos, que aprendiam muitas cantigas, os trabalhos eram diferentes também, eles tinham mais tempo, hoje temos de cortar seringa, participar das reuniões, ir para cidade, e sobra pouco tempo para as coisas, o tempo mudou do tempo de antigamente. Hoje, com as cantigas escritas nos cadernos, fica mais fácil para nós aprendermos, porque quando esquecemos é só ler no caderno que agente logo sabe.

O interessante desse caderno, com os registros das cantigas do cipó, é que nele Isaias tenta registrar suas mirações² através do desenho. Registrou em cada página, ao lado das cantigas, desenhos abstratos, utilizando muitas formas e cores, simbolizando suas mirações com o uso do cipó. Para cada cantiga, uma forma diferente de desenho, para cada desenho, uma diferente interpretação.

O cipó, bebida ritual preparada da mistura do caule do cipó e outras folhas da floresta (chacrona, jarina), é para os Kaxinawá um elemento cultural dos mais fortes. Através de seu consumo, os Kaxinawá não buscam nem refugio nem fuga. Tomá-lo solitário ou isoladamente constitui para eles uma aberração, pois o cipó é um exercício do social reservado para o homem. O canto, que acompanha sua ingestão, e a presença do grupo cultivam coletivamente as visões e orientam suas interpretações, em função dos acontecimentos do momento e do contexto místico onde se encontra o espírito de todos. A "miração" trazida pelo cipó, como um tipo de percepção simbólica do mundo, está bastante ligada ao pensamento indígena e não é apenas um simples elemento anedótico ou marginal. (Monte et al., 1987)

Na última viagem de assessoria às escolas realizada por mim no Jordão, Isaias me acompanhou em algumas visitas. O que mais me chamou a atenção durante esse período foi a maneira de como vêm sendo utilizadas as cantigas indígenas escritas.

² Visões obtidas a partir da ingestão do cipó.

Isaias sempre animado, comentava, orgulhoso do seu trabalho de pesquisador, ao recolher junto a seu pai e registrar em seu caderno as cantigas de cipó. Nos encontros com as lideranças nos seringais por onde passávamos, Isaias sempre gostava de mostrar seu repertório de cantigas, escritas tanto na língua portuguesa, quanto na língua indígena. Quando cantava em língua portuguesa, utilizava o livro da seita do Santo Daime; e quando cantava na língua indígena, utilizava seu caderno com as cantigas Kaxinawá, sendo que todas as cantigas estão intimamente ligadas ao uso ritual do cipó.

Os índios sempre mostravam grande admiração ao escutar Isaias dando seu *show*. O fato de uma pessoa jovem poder documentar e cantar um determinado número de cantigas tradicionais Kaxinawá dá prestígio para o ator. A platéia, sempre balançando a cabeça em admiração e aprovação, comentava: "Esse é sabido"!

Logo após a apresentação das cantigas, era comum aparecerem alguns índios pedindo o caderno de Isaias, para fazerem as cópias das letras das cantigas em seus próprios cadernos de anotações. Em outros casos, Isaias copiava algumas letras das cantigas de seu caderno para outra pessoa, sempre demonstrando interesse e vontade de ensinar o ritmo das melodias.

Os Kaxinawá do Jordão têm hoje uma grande responsabilidade na propagação das cantigas tradicionais escritas para outras áreas indígenas da mesma etnia. Geralmente, esses intercâmbios vêm ocorrendo nos cursos de formação, que são realizados todos os anos na cidade de Rio Branco, onde se reúnem cerca de 20 professores Kaxinawá de várias áreas indígenas do estado. Um dos exemplos desses intercâmbios culturais entre os professores

Kaxinawá está ocorrendo através do professor Joaquim Paula Mana, com a elaboração do livro de cantigas na língua Kaxinawá. Este livro reúne cantigas Huni Meka (cipó), Katxa Nawa (mariri), e tem como objetivo a recuperação dos valores tradicionais, a valorização da identidade cultural do grupo, a sua divulgação entre as outras áreas Kaxinawá do Acre, além do fortalecimento político da língua Kaxinawá no estado e no país.

Conclusão

Para os Kaxinawá, não é mais possível pensar em um mundo sem escrita: "o tempo mudou do tempo de antigamente". A escrita está inserida na administração das cantinas, dos postos de saúde, das escolas, em alguns aspectos da realidade religiosa, além de definir as novas formas de poder dentro do grupo e de suas relações com o mundo do branco.

A apropriação das línguas escritas vem se dando progressiva e coletivamente, através da constituição de sua função social, dentro de padrões e normas por eles socialmente elaborados. Segundo Monte (1991),

A relação institucional com a linguagem na escola e fora dela vem produzindo regras e padrões para seu uso, que vão desde elaboração de ortografias, produções de textos, relatórios, textos míticos, dicionários, gramáticas, neologismos para as línguas indígenas; além de outras modalidades de escritas indígenas como jornais, relatórios, músicas, rezas. Estas passam a obedecer a outros mecanismos discursivos e textuais próprios à linguagem escrita,

sicas, rezas. Estas passam a obedecer a outros mecanismos discursivos e textuais próprios à linguagem escrita, até então ausentes do saber indígena e de suas práticas comunicativas orais.

Para os Kaxinawá do Jordão, a língua escrita seduz e provoca um grande fascínio. É um instrumento novo, com valores mágicos, que possibilita fixar o oral em um documento diário, transformando-o em matéria gráfico/visual. O que antes se dava, exclusivamente, de forma evanescente e auditiva, como o caçador contando a história da caça, hoje, a língua escrita recupera e utiliza nos diários. Estes são, pois, recurso simbólico, capaz de imitar a realidade e registrar os acontecimentos do cotidiano de seus autores.

Os diários indígenas são, portanto, sinais de um novo sistema de registro, de armazenamento de informação. E o complemento novo dentro da cultura, para veicular o estético, possibilitar o prazer de escrever e ainda memorizar histórias.

Enfim, a escrita permite, em língua Kaxinawá e portuguesa, a vivência do mundo gráfico em sua durabilidade. Como os Kaxinawá costumam dizer, "a escrita é diferente das palavras faladas: não se vai no vento..."

Referências bibliográficas

DERRIDA J. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva: USP, 1973.

FERREIRA, E. (Org.). *Haceres quehaceresy deshaceres*. México: SEP, 1991.

GAVAZZI, Renato. *Relatórios de assessoria às escolas indígenas Kaxinawá do Jordão*. Rio Branco: CPI/AC, 1991/1992.

GOMES G. Escrita. *Cadernos CEVEC*, São Paulo, n.4, 1988.

KAHN, Marina. *Relatório de avaliação do projeto de educação da CPI/AC*. Rio Branco: CPI/AC, 1991.

MONSERRATR., EMIRI, L. (Orgs.). *A conquista da escrita*. São Paulo: Iluminuras, 1989.

MONTE, Nietta. *Linguagem no contexto escolar indígena: o caso do Acre*. Rio de Janeiro: UFF, 1991. mimeo.

_____. *A construção do currículo nos diários de classe*. Rio de Janeiro, 1994. Tese (Mestrado) — UFF.

MONTE, Nietta (Org.). *Arte Kaxinawá*. Rio Branco: Moitará; Brasília: FUNAI, 1988.

MONTE, Nietta et al. (Orgs.). *Por uma educação indígena diferenciada*. Brasília: MinC, 1987.

SILVA, LA. (Org.). *A questão da educação indígena*. São Paulo: Brasiliense, 1981.